

## **TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MARIA ROSA DE LIMA**

Maria Rosa de Lima, conhecida como dona Sá Lica, moradora de Viçosa, relembra o percurso de construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária sob a perspectiva dos trabalhadores e suas dificuldades. Destaca sua trajetória como servidora por mais de quatro décadas, demonstrando vasto conhecimento do cotidiano da Escola e da cidade.

### **Ficha técnica:**

Data da entrevista: 19/09/1985.

Duração: 27 minutos e 27 segundos.

Local: Residência da entrevistada.

Entrevistadora: Lujan Chagas.

Transcrição: Thiago Vitorino Teixeira

Revisão da transcrição: Gustavo Soares Sabioni

Revisão gramatical: Pollyanna Souza Pereira

Revisão Geral: Eduardo Luiz dos Santos

**Viçosa - MG**

**2026**

**Diálogo:**

**Maria:** Foi os engenheiros, quando vieram para aqui, que o doutor Bello...

**Lujan:** Peraí, você já tá...

**Maria:** Mas quando o doutor Arthur arrumou, requeria, comprou esse terreno aqui, dos Pacheco, ele mandou os engenheiros para marcar e arranjar quem trabalhasse. E o primeiro foi o doutor Mario Machado, como engenheiro. E o segundo lavrador foi Juca<sup>1</sup>, foi contratado. Contratou para ele encabar todas as ferramentas para começar o trabalho na Universidade. Eu não tenho certeza da data, se foi em 1918, se foi em 1917 ou 1918<sup>2</sup>, não tenho muita certeza não. É... Depois dessa data, ele chegou em casa, pegou as ferramentas dele e foi para aquele mato que era de Xaxá, para tirar os caibros. Ele cortou, teve da parte da tarde até a noite, tadinho. Ele veio, ainda sapecou, encabou as ferramentas para começar o trabalho. Mas depois é que veio o doutor Bello. O primeiro apontador da Universidade era sô Clóvis, um senhor alto e moreno. Ele esteve aí muito tempo. Depois dele, ele trouxe o sô Rubens, o segundo apontador. Depois do sô Rubens, foi Ginete<sup>3</sup>. E é naquela mesma casa onde é hoje o professor... Música de...

**Lujan:** A banda? Salgado? O seu Nestor?

**Maria:** O seu chefe.

**Lujan:** Ah, Benito?

**Maria:** Benito. Ali era a casa do primeiro apontador.

**Lujan:** Onde é a Diretoria Cultural hoje.

**Maria:** É. Então ali morou o primeiro apontador, depois foi sô Rubens, o terceiro foi Ginete. Mas o doutor Bello era muito rigoroso. Então ele exigiu de todos que operários analfabetos

---

<sup>1</sup> José Xavier da Costa

<sup>2</sup> Data das obras: 1921 e 1922

<sup>3</sup> Servidor: José Fausto de Castro.

que aprendessem ao menos a assinar o nome. Eles tinham que ir em casa, jantar, trocar de roupa e vir para a Escola noturna, que era a dona Belmira. Isso eu vou te dar uma fotografia pra você ver. Ainda tem o meu retrato de sô Rubens. E o primeiro que esteve aí, que era muito amigo de Juca, era o mestre de obra, o mestre Giovannini, foi o primeiro, mestre Giovannini.

**Lujan:** Ele que construiu o prédio. O mestre de obra do prédio?

**Maria:** O Prédio Principal. Aí eu me lembro quando veio para a inauguração, porque eu era menina de seis anos e a gente fazia e levava almoço para Juca. E depois tinha a Regina do Telésforo, que vinha para levar o almoço para o Telésforo mais Chico. E eu sempre acompanhando isso desde a idade de seis anos. Eu sou de 1913, né? E eu não tenho nem certeza se começou em 1918.

**Lujan:** Por aí.

**Maria:** Não sei, eu não tenho certeza.

**Lujan:** A casa, a senhora lembra a fazenda?

**Maria:** A fazenda que morou o doutor Bello. Isso aí eu me lembro muito bem, que eu ia buscar a roupa com a dona Biruru<sup>4</sup> para a mamãe lavar. Mas ela lavava a roupa do doutor Bello de solteiro. Ele morava ali mesmo. Onde é a casa da Reitoria, de hóspede. E era uma casa pequena. E ali ele fazia pagamento, sabe? Fazia chamando assim pela janelinha. E tinha uma senhora empregada dele, escurinha. E então eu ia lá para buscar a roupa para lavar dele de solteiro. Depois ele casou, onde foi morar numa fazenda. Dos Macena. A fazenda velha dos Macena. Era a fazenda velha cor de rosa, sabe? Aí ali muito tempo. E quando o doutor Bello casou, ele não deu uma empregada para a dona Biruru, não. Ele arranjou uma menina para a companhia dela. Então ela que cozinhava, fazia doce, tudo era ela. E ele casou com ela bem novinha, que ele tirou ela do colégio pra casar. Isso eu me lembro muito bem.

**Lujan:** E a fazenda, você lembra da sede da casa? Mais ou menos, a cor de rosa?

---

<sup>4</sup> Apelido da esposa de Bello Lisbôa, a senhora Maria do Carmo Bello Lisbôa.

**Maria:** Cor de rosa.

**Lujan:** As divisões, assim a senhora não se lembra?

**Maria:** Não, era igual essas fazendas que não têm cerca, não tem nada, sabe? Era só aquela fazenda lá, com muitas janelas. Um porão assim grande, sabe? E tinha aqui uma escada assim de madeira pra gente subir. Então ele construiu aonde é agora a casa da Reitoria de hóspedes. Ali que ele construiu para ele. Foi primeiro morador de lá foi o Dr. Bello.

**Lujan:** E a história da dona Hermengarda e da dona Germana?

**Maria:** Não, é a primeira que veio de mulher pra trabalhar. No Prédio Principal, a primeira funcionária foi Conceição de Zezé Batista. E a segunda foi Otília de Peixoto. As primeiras funcionárias. Depois é que entrou a Aidê, a Hilda. E professora primária e a Ritoca. Foi Leonor. Leonor era da Escola noturna, então ela foi... Leonor foi professora. Também... Não era do dia não, era da noite, noturna. Noturna.

**Lujan:** Jardim da Infância?

**Maria:** Foi dona Hermengarda, Jardim da Infância foi dona Hermengarda. Que depois que ela passou pra lavanderia.

**Lujan:** E dona Germana e dona Hermengarda?

**Maria:** A dona Germana foi a primeira que o Dr. Bello botou aqui. Ela saiu lá do Rio. Botou anúncio no jornal e botou o endereço. Ela procurou por ele. Ela trabalhava na tapeçaria. Então ela... Tinha muita mostra de tapetes que ela fazia, sabe? E trouxe ela pra nova lavanderia. Depois uma auxiliar para dona Germana, que a Escola foi aumentando muito. Então... Trouxe a dona Rosinha, uma senhora altona, viúva, sabe? Ela só tinha um filho. O filho não veio não, ficou no Rio. E ela que veio, né? Depois era mais dona Germana, não continuou. Foi então que botaram a dona Hermengarda.

**Lujan:** E o doutor Rolfs? a senhora lembra dele ?

**Maria:** Demais! Doutor Rolfs. Quem adoeceu primeiro não foi o doutor Rolfs, não. Quem adoeceu primeiro foi a dona Effie. A senhora dele e depois o doutor Rolfs e a miss Clarissa. Mas depois que eles foram pros Estados Unidos que a dona Effie adoeceu, aí ela morreu, o doutor Rolfs morreu. E a miss Clarissa ainda voltou para trabalhar na cozinha. Na cozinha antiga, né? Então, quando começou, assim, o alojamento, que eu me lembro bem... Os primeiros alunos, parece que eram nove, não tenho bem certeza não. É embaixo, assim, no porão do Prédio Principal. Que era o alojamento deles. Aquelas camas de arame. Eu tenho aí, tenho um retrato do quarto deles, dos alunos. É legal que agora é assim, né? Que tem os apartamentos e tudo...

**Lujan:** Como é que era? A roupa lavada? Dos alunos?

**Maria:** Era...

**Lujan:** E a Escola fornecia a roupa de cama, não?

**Maria:** Não. Cada um tinha sua roupa de cama. E era o seguinte, sabe? Os alunos lavavam a roupa. Na mesma lavanderia, não tinha lavadeira particular, não. Uns tinham, outros não. Professores, por exemplo, eles davam, assim, a... Lavadeiras externas, né? Os alunos tinham o direito de lavar a roupa. E eu, quando... Cortou a roupa dos alunos, lavava até, assim, de noventa, cem alunos. Depois cresceu muito, a lavanderia pequena não conseguiu mais, né?

**Lujan:** E hoje lá, lava só a roupa do Centro Social<sup>5</sup>?

**Maria:** Não. Agora a lavanderia só lava a roupa dos Departamentos da Universidade. Só. Mas lava do Centro Social também, né? O Centro Social quase que pertence. Lava do Serviço de Saúde da Veterinária. Em todos os Departamentos que pertencem à Universidade. Agora, tem uma coisa, só não lava, assim... Os jalecos, dos funcionários, coisas assim tem hora que não dá conta, né? Cortinas, lava a cortina. Sendo muito grande também, a máquina não tem capacidade. Pra lavar as cortinas, se muito grande, não. Então, isso a dona Nilza falou que... E os panos de enxugar bandeja, os panos do Centro Social, é muito pano, é demais.

---

<sup>5</sup> Atualmente: Restaurante Universitário (por muitos anos o Centro Social abrangia o Refeitório e a Lavanderia).

**Lujan:** E a senhora lembra de alguém que trabalhou na construção dos prédios, na construção...

**Maria:** Lembro.

**Lujan:** As pessoas que trabalhavam, quem eram os pedreiros, pintor?

**Maria:** Pedreiro. O pedreiro, servente, era Chico de Regina, Pelé e Juca. Ele era chefe da Masseira. Sabe? Porque ali tudo era no braço, não tinha máquinas, nada, como tem agora, não. Tudo era no braço. E eles carregavam. Pedreiro tinha João Randolpho. O pedreiro não lembro muito bem mais, porque muitos eram de Belo Horizonte. E... tinha uns que eram da Bahia, tinha muitos baianos.

**Lujan:** Então, ele controlava as pedras, os pinos...

**Maria:** É... Ali onde o alojamento velho ali... Então, tinha um desvio, sabe? Quando vinha da pedreira, com a máquina que puxava, era pequena, isso tudo foi pelo doutor Bello. Então, os vagões deixavam as pedras ali, cada pedra enorme. Eles vinham com as alavancas, e a gente cantava. Isso era coisa bonita mesmo. Mas todo mundo alegre, satisfeito. Coisa muito bonita. Então, teve um Carnaval aí que foi muito interessante. Que a Arara era os granfinos. Os granfinos. E Terrão era os da Universidade. Então, eles... O último, teve um ano... Isso foi o último ano que veio os baianos, todos vestidos de vermelho e preto. E Arara era azul e branco. Eram os granfinos. Quando eles fizeram o carro, e mataram a Arara e colocaram na boca do dragão. Que era de Terrão. Era o dragão. E quando eles vieram, o bloco falando assim: “Arara, eu quero passar, que eu sou o Terrão e não posso ficar”. E, quando a Arara viu, teve até “revolvi”. E tanta... eu gostei demais desse carrinho. Foi uma coisa horrorosa. Na Universidade era uma coisa muito boa mesmo. E união também. Então, eles viram que o Juca trabalhou muito, consideravam ele tanto, tanto... Também ele merecia, né? Enquanto ele pôde trabalhar, ele trabalhou. Depois que ele saiu... Saiu da masseira, o doutor Bello botou ele como zelador. Queria botar como porteiro, mas não aceitou. Porque, naquela época, tinha que andar de gravata. Então ele falou assim: “Isso não é pra mim não, Dr. Bello”. “Não Juca, você já trabalhou muito, fica aí como zelador”. Do jeito que a gente fala continuo, né? Então ele... Ficou lá dentro do prédio, trabalhou até quando pôde. Depois não aguentou mais. Mas

eu tenho as fotografias aí de dona Belmira. Tenho de Leonor. Leonor não, eu tenho de Ritoca. Dodora. É Ritoca e Dodora, que tinha duas classes. Tenho a fotografia das duas.

**Lujan:** Dodora e Dodana, não?

**Maria:** Não, Dodora. Dodora é irmã do Zé Costa. Já morreu no desastre. Dodora. E o... A fotografia foi tirada no Prédio Principal, na porta. E ali onde é hoje é a Biologia, e que era a casa da Escola. Foi de Otávio Pacheco. Tinha a casa lá, que eu ia muitas vezes. À noite, assim que saía todo mundo para estudar. E as festas de fim de ano, desses que tirava diploma do primário. Era uma festa igual a festa de formatura. Consideração que o Dr. Bello tinha, viu? Tinha o baile à noite. Não era no Salão Nobre, não. É onde é a Secretaria, onde é hoje o Registro Escolar. Ali que era o baile dos operários. Tinha muita consideração. E ele andava com a chave, assim, rodando a chave. Quando ele passava assim, rodava a chave, todo mundo tremia, tinha respeito. Não precisava abrir a boca, não. Ele era muito bom. Muito bom mesmo. Ele pesquisava naquela época, não era? Não era, não. Então, é. Aqueles negocinhos aqui na escada, na escada do Prédio Principal, de cimento, tudo foi feito lá mesmo. Tinha oficina, né? Tinha, ali eram as oficinas todas. Não era assim, lá na Agronomia, tudo pra lá, não. Era ali onde é o Alojamento Novo e Novíssimo. Ali tinha as oficinas, que faziam os caixotes, das portas, as coisas de cimento armado a colocar. Era tudo feito ali.

**Lujan:** Primeiro foi construído o prédio onde hoje é a Reitoria, né? Depois do Prédio Principal...

**Maria:** Não, só tinha, só era o Prédio Principal. O primeiro que fez, onde é hoje a Reitoria, feito pro doutor Rolfs. É verdade que quando o Dr. Rolfs, até que trouxe dos Estados Unidos, as borbulhas de laranja, para enxerto, pra ensinar os alunos a fazer enxerto, foi ele que trouxe. E as batatas de flores, as amarílis, tudo ele trouxe. E a dona Dorica tem dela branca ainda. Ele trouxe dos Estados Unidos. Então, ali naquela vargem ali, onde é a sala de aula do feminino...

**Lujan:** Do alojamento Feminino...

**Maria:** Não, no alojamento feminino, não, era pra lá, que era na vargem da biologia, ali que eram os canteiros de flores. Mas ninguém tocava. Laranja também. A laranja era tudo assim,

quase na beira da estrada, mas ninguém pegava. Se alguém pegasse, o ronda falava com o doutor Bello, ele mandava os rondas na casa dos meninos.

**Lujan:** Você lembra do primeiro ronda, dos primeiros rondas que trabalharam?

**Maria:** Primeiro ronda foi, um dos primeiros rondas foi o Sr. Sebastião. Sebastião Soares. Ele ainda é vivo. É vivo... Ele está esclerosado. Mas ele é muito velho. Eles andavam ali a cavalo, ele e o Joaquim, ronda, eles iam a cavalo. Tava chovendo, eles vestiam aquelas capas gaúchas, sabe? O agasalho que eles tinham eram aquelas capas gaúchas. E rondava tudo. Em cada lugar, por exemplo, lá no estábulo, tinha um relógio. Em cada ponto tinha um relógio. E onde eles passavam, eles tinham que dar sinal no relógio pra saber que o ronda passou ali. Na Agronomia tinha outro relógio. Eles tinham que picar o relógio. Mas não com eles não. Lá no lugar que era instalado o relógio.

**Lujan:** Será que existe o relógio ainda?

**Maria:** Não sei. Você sabe, quem pode saber, Ginete deve saber se existe. Teve um lugar do relógio que eles picava ele pra saber que o ronda passou aqui. E naquela hora certa. É igual nós marcamos o relógio, era assim que era. Agora não. Agora tá tudo mais fácil.

**Lujan:** Naquele tempo havia muita dificuldade.

**Maria:** Mas ali, onde é hoje o Centro Social, tudo ali, aquela vargem toda, aquilo era só aroeira. E o Juca que era o feitor. Então não tinha essas máquinas agrícolas que tem agora, não. Tudo era arrancado ao poder de enxadão e picareta. De arrancar aquelas raízes. Teve uma raiz de aroeira que era tão grande e de uma altura enorme. E Juca que tinha a fotografia dessa raiz. Mas a gente não liga, né?

**Lujan:** Então tudo era manual mesmo, né?

**Maria:** Tudo manual. Não tinha nada que eu saiba. Porque hoje é muita facilidade, né? Antigamente não tinha nada disso. Hoje, pra abrir uma vala, é com uma facilidade.

**Lujan:** E aquela represa, você lembra quando estava fazendo a represa? Como é que era? Aquela represa, chamada de piscina. Tinha ali na Agronomia. Tinha ali subindo na Agronomia.

**Maria:** Aquela represa, aquilo ali foi quase igual. Feito esse que tem agora, essa outra que estão fazendo, estão canalizando agora, né? Foi feito assim mesmo, aquela represa. Ali antigamente era igual uma piscina. Eles tomavam banho lá. Ah, tinha essa Escola feminina<sup>6</sup>, que vinha de fora e dava alojamento, abria. Depois de um tempo de férias, né? Porque eles vinham fazer o curso aqui durante dois dias. E elas vinham todo mundo pra lá. Depois ela foi condenada, né? Porque morreu um rapaz lá.

**Lujan:** É perigosa, né?

**Maria:** É, morreu o irmão do Otto, Otto Andersen. O irmão dele morreu foi afogado lá.

**Lujan:** E a senhora lembra dos primeiros alunos aí da universidade, da Esav?

**Maria:** É. Tinha um aluno que era muito amigo de Juca que se chamava, primeiro nome não sei, Castelo Branco. E tinha um outro moreno que eu não me lembro muito bem o nome dele agora. E, no mais, era doutor Secundino, doutor Corrêa, doutor Carneiro, Jurema. Jurema tá lá em Belo Horizonte. Esses foram os primeiros.

**Lujan:** Então a senhora viu fazer o alicerce, viu?

**Maria:** É, vi o alicerce do Prédio Principal. Hoje é o edifício Arthur Bernardes.

**Lujan:** E era tudo carregado em carroça, né?

**Maria:** A pedra é movida com uma alavanca. Não, aqui é carroça. Ali onde é vai para o Belvedere, ali era só barraco, barracões, que ficavam os carroceiros, moravam lá. Onde tinha até o meu compadre, aquela menina, ainda quando eu representei o menino dele, o Geraldo. E tinha um, é só um italiano, né, que veio até aí. Um casou com a Lombardi, que é irmã do

---

<sup>6</sup> Mês Feminino.

Hugo Lombardi. Sabe, quando terminou o serviço, não terminou, não acabou as carroças, que fez aquela avenida principal, aquela avenida ali, aquilo ali tudo tinha barranco, sabe? Então, as carroças fazia o desaterro, era feito por carroça para fazer o desaterro.

**Lujan:** E os tijolos, tudo feito aqui?

**Maria:** Tijolos, tudo foi feito aqui, até com o meu compadre, o Francisco Venâncio. Ele que foi o oleiro, que fez as coisas, fazia os tijolos.

**Lujan:** Onde que era a Olaria? Que local que ela ficava?

**Maria:** A olaria ficava ali pro lado do aviário, mas era bem pra cá do Aviário.

**Lujan:** E a senhora lembra, por exemplo, no dia da inauguração, como é que foi?

**Maria:** Lembro muito bem, porque tinha um carro especial, que se chamava especial<sup>7</sup>, que trouxe o Arthur Bernardes, e tinha a banda de música da Escola, da universidade, antiga Esav, né?, Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Então, doutor Arthur Bernardes, com Governança, especialmente em Gala. E ainda me lembro que a gente olhou esse grande corte, nunca tinha visto, mas tudo foi visto ali. Aqui na universidade, tinha muita maçã, que era uma fruta rara, que quase ninguém ouvia, porque era gente, menina, só pela vontade. Mas aqui estava tudo reservado. Então me lembro que, quando inauguraram, pra celebrar a missa, o doutor Bello trouxe duas colchas de veludo de dona Biruru para forrar, sabe? Pra depois botar as toalhas de linho. Duas colchas de veludo, sumiu uma, doutor Bello pediu o contínuo para dobrar e depois guardar na gaveta para levar pra casa, então desapareceu uma. Essa que desapareceu depois foi vista na casa de “alguém”, mas não se descobriu.

**Lujan:** A missa foi uma missa campal?

**Maria:** Não foi ali na escadaria, não, foi lá dentro mesmo, foi o padre, padre Álvaro.

**Lujan:** Com a banda de música dos operários.

---

<sup>7</sup> Trem Leopoldina

**Maria:** Dos operários é, e tudo era organizado por doutor Bello, porque não tinha reitor essa época não. O primeiro reitor aqui foi Joaquim Braga, depois ele saiu, entrou foi pra Menicucci, depois foi pro Machado<sup>8</sup> e depois do Machado foi que entrou o Flamarion. Depois foi Erly Dias Brandão, ficou dois anos com Renato Santana, depois foi Fagundes, depois de Fagundes foi Dr. Paulo, depois de Dr. Paulo foi Joaquim Aleixo, depois de Joaquim Aleixo foi Fagundes de novo. Doutor Edson Potsch fez sete anos, eu esqueci, depois foi Erly Brandão.

**Lujan:** Então a senhora tá acompanhando esses reitores aí até hoje? Do diretor até o reitor, quantos anos a senhora trabalha?

**Maria:** Tem quarenta e seis anos.

**Lujan:** Então a senhora então tinha dez anos ou nove anos?

---

<sup>8</sup> Geraldo Oscar Domingues Machado